



C O N T O

A CASINHA À BEIRA DO RIACHO

THE LITTLE HOUSE BY THE CREEK

LA PEQUEÑA CASA JUNTO AL RÍO

Elenice Sakyrabiar

BIOGRAFIA

Eu sou Elenice Sakyrabiar, tenho 20 anos e sou uma orgulhosa representante do povo Sakyrabiar (ou Sakurabiat). Minha cultura e tradições estão profundamente entrelaçadas com minhas raízes familiares. Sou filha de Olímpio Sakyrabiar e Margareth Makurap. Minha mãe, embora tenha partido, permanece viva em minhas lembranças e na história da nossa família.

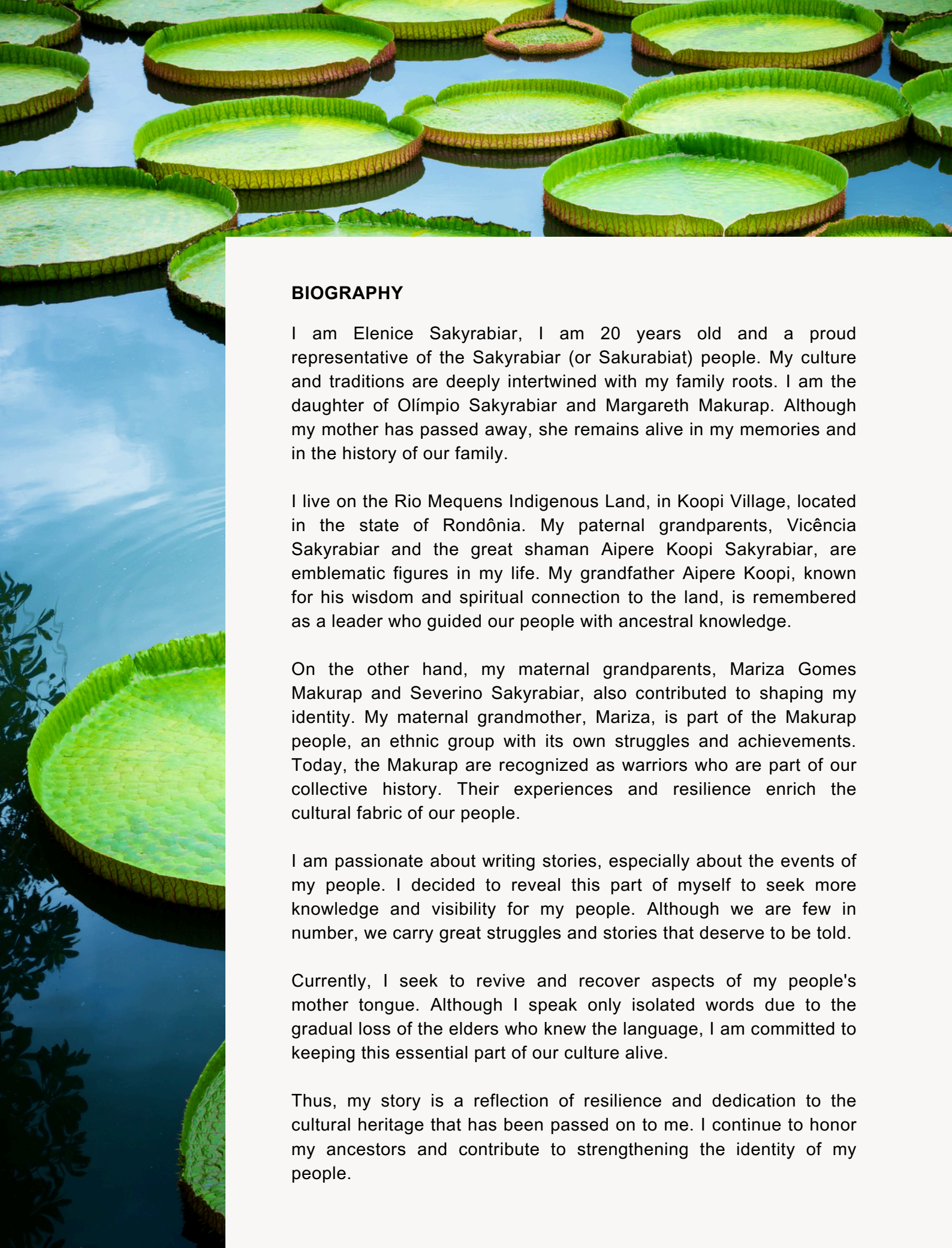
Vivo na terra indígena Rio Mequens, na Aldeia Koopi, localizada no estado de Rondônia. Meus avós paternos, Vicência Sakyrabiar e o grande pajé Aipere Koopi Sakyrabiar, são figuras emblemáticas na minha vida. O meu avô Aipere Koopi, reconhecido por sua sabedoria e conexão espiritual com a terra, é lembrado como um líder que guiou nosso povo com conhecimento ancestral.

Por outro lado, meus avós maternos, Mariza Gomes Makurap e Severino Sakyrabiar, também contribuíram para a formação da minha identidade. Minha avó materna, Mariza, é parte do povo Makurap, uma etnia que carrega suas próprias lutas e conquistas. Hoje, os Makurap são reconhecidos como guerreiros que fazem parte da nossa história coletiva. Suas experiências e resiliência enriquecem o tecido cultural do nosso povo.

Sou apaixonada por escrever histórias, especialmente sobre os acontecimentos do meu povo. Essa parte de mim resolvi revelar para buscar mais conhecimento e visibilidade para o meu povo. Embora sejamos poucos, carregamos grandes lutas e histórias que merecem ser contadas.

Atualmente, busco reviver e resgatar aspectos da língua materna do meu povo. Embora eu fale apenas palavras isoladas devido à perda gradual dos anciãos conhecedores da língua, estou comprometida em manter viva essa parte essencial da nossa cultura.

Assim, minha história é um reflexo de resiliência e dedicação à herança cultural que me foi transmitida. Continuo a honrar meus ancestrais e a contribuir para o fortalecimento da identidade do meu povo.



BIOGRAPHY

I am Elenice Sakyrabiar, I am 20 years old and a proud representative of the Sakyrabiar (or Sakurabiat) people. My culture and traditions are deeply intertwined with my family roots. I am the daughter of Olímpio Sakyrabiar and Margareth Makurap. Although my mother has passed away, she remains alive in my memories and in the history of our family.

I live on the Rio Mequens Indigenous Land, in Koopi Village, located in the state of Rondônia. My paternal grandparents, Vicência Sakyrabiar and the great shaman Aipere Koopi Sakyrabiar, are emblematic figures in my life. My grandfather Aipere Koopi, known for his wisdom and spiritual connection to the land, is remembered as a leader who guided our people with ancestral knowledge.

On the other hand, my maternal grandparents, Mariza Gomes Makurap and Severino Sakyrabiar, also contributed to shaping my identity. My maternal grandmother, Mariza, is part of the Makurap people, an ethnic group with its own struggles and achievements. Today, the Makurap are recognized as warriors who are part of our collective history. Their experiences and resilience enrich the cultural fabric of our people.

I am passionate about writing stories, especially about the events of my people. I decided to reveal this part of myself to seek more knowledge and visibility for my people. Although we are few in number, we carry great struggles and stories that deserve to be told.

Currently, I seek to revive and recover aspects of my people's mother tongue. Although I speak only isolated words due to the gradual loss of the elders who knew the language, I am committed to keeping this essential part of our culture alive.

Thus, my story is a reflection of resilience and dedication to the cultural heritage that has been passed on to me. I continue to honor my ancestors and contribute to strengthening the identity of my people.



BIOGRAFÍA

Soy Elenice Sakyrabiar, tengo 20 años y soy una orgullosa representante del pueblo Sakyrabiar (o Sakurabiat). Mi cultura y tradiciones están profundamente entrelazadas con mis raíces familiares. Soy hija de Olímpio Sakyrabiar y Margareth Makurap. Mi madre, aunque ya no está, permanece viva en mis recuerdos y en la historia de nuestra familia.

Vivo en la tierra indígena Río Mequens, en la Aldea Koopi, ubicada en el estado de Rondônia. Mis abuelos paternos, Vicência Sakyrabiar y el gran chamán Aipere Koopi Sakyrabiar, son figuras emblemáticas en mi vida. Mi abuelo Aipere Koopi, reconocido por su sabiduría y conexión espiritual con la tierra, es recordado como un líder que guió a nuestro pueblo con conocimiento ancestral.

Por otro lado, mis abuelos maternos, Mariza Gomes Makurap y Severino Sakyrabiar, también contribuyeron a la formación de mi identidad. Mi abuela materna, Mariza, es parte del pueblo Makurap, un grupo étnico que lleva consigo sus propias luchas y conquistas. Hoy en día, los Makurap son reconocidos como guerreros que forman parte de nuestra historia colectiva. Sus experiencias y resiliencia enriquecen el tejido cultural de nuestro pueblo.

Me apasiona escribir historias, especialmente sobre los acontecimientos de mi pueblo. Decidí mostrar esta parte de mí para buscar más conocimiento y visibilidad para mi pueblo. Aunque somos pocos, llevamos grandes luchas e historias que merecen ser contadas.

Actualmente, busco revivir y rescatar aspectos de la lengua materna de mi pueblo. Aunque sólo hablo palabras aisladas debido a la pérdida gradual de los ancianos conocedores de la lengua, estoy comprometida a mantener viva esta parte esencial de nuestra cultura.

Así, mi historia es un reflejo de resiliencia y dedicación a la herencia cultural que me fue transmitida. Sigo honrando a mis antepasados y contribuyendo al fortalecimiento de la identidad de mi pueblo.

A CASINHA À BEIRA DO RIACHO

Era uma noite tranquila quando meu marido e eu decidimos nos mudar para uma pequena casinha à beira do riacho na minha aldeia. O lugar era encantador, cercado pela natureza exuberante e com o som suave das águas correndo. Mal sabíamos que aquele cenário idílico guardava segredos profundos.

Nos primeiros dias, tudo parecia perfeito. Porém, logo meu marido começou a relatar algo inquietante. Ele acordava à noite com o som de vozes e gargalhadas ecoando na escuridão, como se uma festa estivesse acontecendo nas margens do riacho. Eu, por outro lado, não ouvia nada. Ele tentava me convencer de que era real, mas eu achava que eram apenas os ecos da natureza.

Certa madrugada, ele se levantou decidido a descobrir a origem daqueles sons. Com o coração acelerado, ele caminhou até o riacho. A lua cheia refletia na água, criando uma atmosfera mística e ao mesmo tempo aterrorizante. Enquanto ele se aproximava da beira, as vozes pareciam se intensificar, risadas infantis misturadas a murmúrios desconhecidos.

Desesperado, ele chamou por mim, mas eu ainda não conseguia ouvir nada além dos sons normais da floresta noturna. Ele voltou para casa pálido e tremendo. “Elenice,” disse ele com a voz trêmula, “são espíritos... Espíritos dos indígenas que viveram aqui antes de nós.”

Naquela noite, ele decidiu pesquisar mais sobre a história e descobriu que muitos que dormiam na aldeia próxima também ouviam os mesmos sons. Eram relatos de visitantes que não conseguiam escapar das vozes dos antigos moradores da terra — almas inquietas que ainda celebram suas vidas à beira do riacho.

Mas havia algo que meu marido não sabia: eu não ouvia aquelas vozes porque era dali. Eu morava ali há muito tempo com minha família e meu espírito também estava no meio deles; isso se devia ao fato de sermos netos de um pajé. Para mim, aquelas risadas eram familiares e acolhedoras.

Com o passar do tempo, meu marido começou a se acostumar com os sons noturnos. Ele percebeu que os espíritos não eram perigosos; eles apenas queriam se divertir e celebrar à beira do riacho, como sempre fizeram em vida. As gargalhadas tornaram-se parte da nossa rotina noturna.

Hoje vivemos em harmonia na casinha à beira do riacho. Os espíritos são do bem e nos observam; eles sabem que um dia também nos divertiremos e celebraremos com eles nas margens daquele mesmo riacho — onde as risadas ecoam eternamente sob a luz da lua cheia.

E assim é minha história: um lembrete de que algumas almas nunca deixam de dançar e celebrar; elas permanecem entre nós, esperando pelo dia em que nos reuniremos para compartilhar risadas e alegria novamente.

